

O NOME DE ROSA: VEREDA DE UM GRANDE SERTÃO

Myrna Ely Atalla Senise da Silva*

“Tinha medo não. Tinha cansaço de esperança.”

Cansaço de esperança. Sabia que a *“colheita é comum, mas o capinar é sozinho”*. Cansaço de esperança. O som trazendo a ansiedade da palavra. Entre o cansaço e a esperança brilha o *“sertão, velho de idade”*. E o medo. Diá.

“O sertão é o terreno da eternidade, da solidão”.

João Guimarães Rosa, de Cordisburgo, Minas Gerais, *“brasileiro que nem eu”, diria Mário de Andrade.*

João: médico, diplomata, escritor. Deixaria de ser médico por algum momento? Há como isentar a formação da própria existência? Na travessia pelo sertão, o que o homem viu o médico analisou?

Como ser um, sendo outro e mais outro? Simbiose perfeita. Venceu o escritor, o (re)construtor da palavra. Di? Ou Diá? O diabo não há. Forte por não existir. Ou existe? *Nonada.*

“Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira... Então, não sei se vendi? digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é esse, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador...”

Sem nenhum comprador? Por que o medo? Riobaldo. *“A quem vendi?”* Riobaldo. Ah! rio baldo. Vereda do jagunço. Oásis do barranqueiro.

“Ninguém nunca foi jagunço obrigado. Sertanejos, mire e veja: o sertão é uma espera enorme”.

Cinquenta anos de espera. Cinquenta anos de Grande sertão: veredas. Cinquenta anos de liberdade de inventar.

“Na extraordinária obra-prima Grande sertão: veredas, afirma Antônio Cândido, há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor, a absoluta confiança na liberdade de inventar.”

Confiança na liberdade de inventar. Absoluta confiança na arte que transgrediu realidades e expandiu perspectivas.

Signo completo à procura da (in)completude do signo. Palavra inovadora. Renovadora. Palavra de Rosa. Sem cheiro de rosa. Com cheiro de Rosa. Trabalho de Rosa. Completa por Rosa. Ousada. (Trans)criadora. *Nonada.*

Oralidade e virtuosismo. Inovação. Tudo cercado pela

emoção, pelo subjetivo racional. Transcendental. Pura arte. Arte pura..

Cordisburgo. Rosa coração. Comoção. Sertão universal. Sertão individual. Veredas.

“O sertão vem e volta. Não adianta se dar as costas. Ele beira aqui e vai beirar outros lugares, tão distantes. Rumor dele se escuta”.

Rumor do próprio silêncio. Cinquenta anos depois ouvimos o silêncio ruidoso das palavras de Rosa. Palavras transformadoras da arte de escrever com arte.

A natureza envelhece. O ser humano envelhece. Grande sertão: veredas rejuvenesce a cada leitura, a cada construtura. Transgride o tempo. Reformula a noção de espaço. Tempo e espaço de Rosa: infinitos, eternos.

“Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece o vento. E os brabos bichos do fundo dele”.

Ali envelhece o vento, num *“sertão que não é malino nem caridoso, mano oh mano!... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga”*.

Eis a vida no brilho das palavras. Encantadas. Atuais. Fundas. Profundas. Sons que se repetem, que se unem, extrapolam lugares comuns e se ampliam em significados.

Jogos reais. Sensitivos. Sensações: *“envelhece o vento”, “a saudade me alembra”*. Rosa alembra rosa, que alembra terra e o faz ser tão sertão.

“Comigo, as coisas não têm hoje e ant'ontem nem amanhã: é sempre”. Sempre *“a paz gritável”*, pois *“o sertão é uma espera enorme”*.

“Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas...”

Sertão. Riobaldo. Diadorim. Homem. Mulher. Deus. Diabo. Diadorim. Dor. Perplexidade. *“Diadorim era a minha neblina.”*

O milagre em Rosa está contido na essência de cada palavra. Nada veio do acaso. Por acaso. Deus e o Diabo, dicotomia tão séria. Pesada. *“O diabo na rua no meio do redemoinho”* da existência. Diabo.

Demônio, poucas vezes. Demônio - redemoinho. Sons parecidos e amedrontadores. O diabo tão temido, existente não existindo, o não-ser-sendo, um que-não-existe existindo: “*Que não existe, que não, que não, é o que minha alma soeitra*”. O não-existente forte, dominador, poderoso. Medo. O bem e o mal. Vence o mal? Diá.

“*Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias*”.

O sertão encanta, envolve, enrodilha. Astucioso. Árido. Amplo. Triste. Do tamanho do mundo.

“*O sertão é do tamanho do mundo... é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar*”.

“*Sertão é sozinho*

Sertão é cada um

Sertão é dentro da gente”.

E mais:

“*A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro...*”

“Doravante, diz Augusto de Campos, ninguém poderá construir qualquer coisa, em prosa brasileira, pretendendo ignorar Grande sertão: veredas: convívio com as palavras, as coisas e os seres”.

Deslumbramento de Rosa em cada instante, nos vazios, nos encontros. Caminhar pelas veredas e perceber que “*a vida da gente nunca tem termo real*”.

Solitude de Rosa nas entrelinhas, no amor contido e proibido de Riobaldo, cabra macho. “*Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo. Como eu soluzei o meu desespero*”. Diadorim. Diadorim. “*Uivei. Diadorim!*”

João iluminado, escritor maior. Viveu pela emoção de escrever. Cumpriu o seu destino.

“*Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras.*”

“*Sei de mim? Cumpro.*”